

Ciclo de Conferências associado à Cátedra UNESCO/Unitwin, Cultura, Turismo e Desenvolvimento

Marisa das Neves Henriques

marisa.henriques@fl.uc.pt
Universidade de Coimbra
<https://orcid.org/0000-0002-7268-0565>

No passado dia 10 de março, o Anfiteatro IV da Faculdade de Letras acolheu duas magistrais lições - no sentido mais profícuo e vivo que a memória dessa palavra encerra - proferidas pela Professora Fernanda Cravidão e pelo Professor Lúcio Cunha. A sessão, moderada pelo Professor Norberto dos Santos, teve como tema agregador o *Património Mundial UNESCO - sítios de (des)encontro de tempos e de culturas*.

Como os bons espíritos se encontram sempre, cada um dos conferencistas apresentou, num primeiro momento, a questão sob o prisma que lhe é cientificamente mais caro, para depois, em muitos aspetos, convergir e dialogar em pontos essenciais sobre a memória, a preservação do património cultural e natural ou o respeito pela diversidade.

A Professora Fernanda Cravidão, ex-gestora da Cátedra UNESCO na FLUC, expôs num tom didático e esclarecedor os objetivos fundacionais e a orgânica da instituição criada em 1945, problematizando a validade dos seus critérios de classificação, e discutindo as louváveis intenções e o peso geopolítico e estratégico de determinadas decisões tomadas recentemente. Apresentou dados concretos sobre o património protegido, equacionando elementos desestabilizadores do processo de conservação da cultura material, mista e natural, além de oportunamente alertar a audiência para a necessidade de se travarem os efeitos da globalização e de um turismo de massas “gerador de conflitos” e, em alguns casos, pernicioso, na sua voracidade de tirar rápido partido do que os sentidos captam, sem respeitar o ritmo de vida dos residentes locais nem medir o efeito individual da pegada ecológica.

A Professora jubilada fez ainda questão de apelar ao nosso sentido crítico no momento de avaliar as consequências advenientes da integração do património na rede UNESCO, ponderando vulnerabilidades e “contradições” de um processo que, ao invés de cuidar da pluralidade e do que é específico de cada povo, corre o risco de incorrer na voragem da rentabilidade económica e da atitude um pouco predatória assente em números.

Por seu turno, o Professor Lúcio Cunha, fazendo incidir a sua exposição sobre o geopatrimónio e os geoparques portugueses, alertou para o facto de na rede patrimonial da UNESCO se gerarem uns quantos vazios desconcertantes que cindem, em vez de agregarem. Uma das perplexidades que o palestrante manifestou foi justamente a de existirem escassos locais classificados na Ásia e em África, territórios com menos recursos financeiros e maior inexperiência na preparação das candidaturas. Ora, esta “injustiça” que perpassa pelas cartografias só pode revelar-se contraproducente e sectária, mostrando a prevalência da visibilidade mediática e do poder financeiro, em detrimento do valor dos lugares a proteger.

O Professor Lúcio Cunha provou a operacionalidade do conceito de geodiversidade quando aplicado ao âmbito da história patrimonial do planeta Terra e das suas gentes, especialmente pelo seu papel educativo na compreensão e respeito pela diferença e pela singularidade.

Tendo falado dos 5 geoparques portugueses com chancela da UNESCO, deteve-se, de modo mais detalhado, sobre o exemplo do Estrela Geopark, partilhado por 9 municípios. Embora não tivéssemos trilhado os caminhos da Serra nem respirado profundamente o ar puro que a envolve, o docente de Geomorfologia guiou-nos, com ledice e entusiasmo, por alguns dos tesouros que aí se guardam, não só geográficos nem apenas turísticos, mas particularmente identitários e próprios de uma natureza gregária cheia de história. História esta que se consolida em tradições intangíveis, nas rotas da transumância, da literatura, da fotografia, do legado histórico-científico e etnográfico.

A este propósito recordou-se a primeira expedição científica à Serra da Estrela (1881) e o Sanatório das Penhas da Saúde, por onde passaram muitos tuberculosos durante mais de 4 décadas. Tudo isto comprova que um geoparque é um ancoradouro de vivências, de hábitos e circunstâncias várias, que urge salvaguardar para memória futura e para bem de todos.

Por conseguinte, a Professora Fernanda Cravidão e o Professor Lúcio Cunha demonstraram que, entre as classificações da UNESCO e a atitude de cada cidadã(o) sobre aquilo que está perto ou longe, aquilo

que se contempla ou usufrui, há todo um trajeto que requer uma posição crítica e desassombrada que desmonte quaisquer visões simplistas e aparentes intenções inocentes.

